

Coro e Orquestra Gulbenkian

Jorge Matta

31 DEZEMBRO 2016

 GULBENKIAN
MÚSICA

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
60 ANOS
1956 — 2016

gulbenkian.pt/musica

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



Te Deum em São Roque

31 DE DEZEMBRO
SÁBADO

17:00 — Igreja de São Roque

Coro e Orquestra Gulbenkian

Jorge Matta Maestro

Eduarda Melo Soprano

Carolina Figueiredo Meio-Soprano

Marco Alves dos Santos Tenor

Tiago Matos Barítono

Marc-Antoine Charpentier

Second Air de Trompettes

Arvo Pärt

Te Deum

Te Deum laudamus

Te aeternum Patrem

Tibi omnes Angeli

Pleni sunt caeli et terra

Te gloriosus apostolorum

Te per orbem terrarum

Tu rex gloriae

Tu, devicto mortis aculeo

Tu ad dexteram Dei sedes

Te ergo quaesumus

Aeterna fac cum sanctis tuis

Salvum fac populum tuum

Per singulos dies

Dignare, Domine

Miserere nostri, Domine

In te, Domine

Sanctus

Marc-Antoine Charpentier

Marche de Triomphe

Te Deum em Ré maior

Prélude: Marche en rondeau

Te Deum laudamus

Te aeternum Patrem

Pleni sunt caeli et terra

Te per orbem terrarum

Tu, devicto mortis aculeo

Te ergo quaesumus

Aeterna fac cum sanctis tuis

Dignare, Domine

Fiat misericordia tua

In te, Domine

Duração total prevista: c. 1h 20 min.

Concerto sem intervalo

Este concerto é gravado pela RTP – Antena 2

Marc-Antoine Charpentier

Paris, ?1645-50

Paris, 24 de fevereiro de 1704

Te Deum

COMPOSIÇÃO: c. 1690

DURAÇÃO: c. 30 min.

Marche de Triomphe *Second Air de Trompettes*

COMPOSIÇÃO: c. 1690

DURAÇÃO: c. 6 min.



MARC-ANTOINE CHARPENTIER © DR

Embora no reinado de Luís XIV a vida musical da corte francesa fosse dominada por Jean-Baptiste Lully, italiano que soube adaptar-se ao gosto francês, também Marc-Antoine Charpentier teve um papel preponderante, sobretudo no âmbito da música religiosa. Nascido em 1643 nos arredores de Paris, filho de um “maître écrivain” (copista), Charpentier partiu para Itália com cerca de 21 anos. Em Roma estudou com Carissimi, pai da oratória latina, e absorveu o estilo italiano das histórias sacras e dos motetes religiosos. Trabalhou para a mecenas Mademoiselle de Guise, prima de Luís XIV, e em 1688 tornou-se mestre de música da Igreja Jesuíta de São Luís. Escreveu várias obras de caráter religioso, incluindo *histoires sacrées* e vários *Te Deum*. Destes, o mais conhecido é o *Te Deum* em Ré maior, possivelmente apresentado na celebração da vitória na batalha de Steinkirk em 1692. Charpentier escolheu a tonalidade de Ré maior por ser, nas suas palavras, “brilhante e muito guerreira”. É uma obra em oito andamentos, escrita à maneira de um grande motete cerimonioso, com alternância entre secções *soli* e *tutti*. O *Te Deum* utiliza coro e solistas e um efetivo instrumental mais alargado do que o habitual na

época, embora a escrita vocal e instrumental seja essencialmente a quatro partes, com as flautas a dobrar os violinos. Os trompetes e timbales, instrumentos reais, são utilizados na abertura numa tendência implementada por Lully, mas também noutros momentos importantes em termos textuais, como na referência ao juízo final na frase solista do baixo “*Judex crederis esse venturus*”. Da mesma forma, as madeiras ilustram momentos de contemplação e as flautas evocam a morte como na ária de soprano “*Te ergo quae sumus*”. Um dos traços mais importantes de Charpentier era a sua capacidade de extrair e destacar o conteúdo dramático dos textos litúrgicos sugerido pelos versos, teatralizando-os com o intuito de os explicar, de os fazer entender. Apesar do texto do *Te Deum* não ser particularmente rico em *nuances* e oposições de caráter, como o são por exemplo, os salmos, Charpentier consegue através dos contrastes de textura e de instrumentação demonstrar o seu ideal estético: “a grande diversidade da música... a verdadeira diversidade é o que cria a perfeição”. No início da década de 1690, a *Marche de Triomphe - Second Air de Trompettes* terá sido também destinada a um evento faustoso não identificado.

Arvo Pärt

Paide, Estónia, 11 de setembro de 1935

Te Deum

COMPOSIÇÃO: 1984/85, rev. 2007

ESTREIA: Colónia, 19 de janeiro de 1985

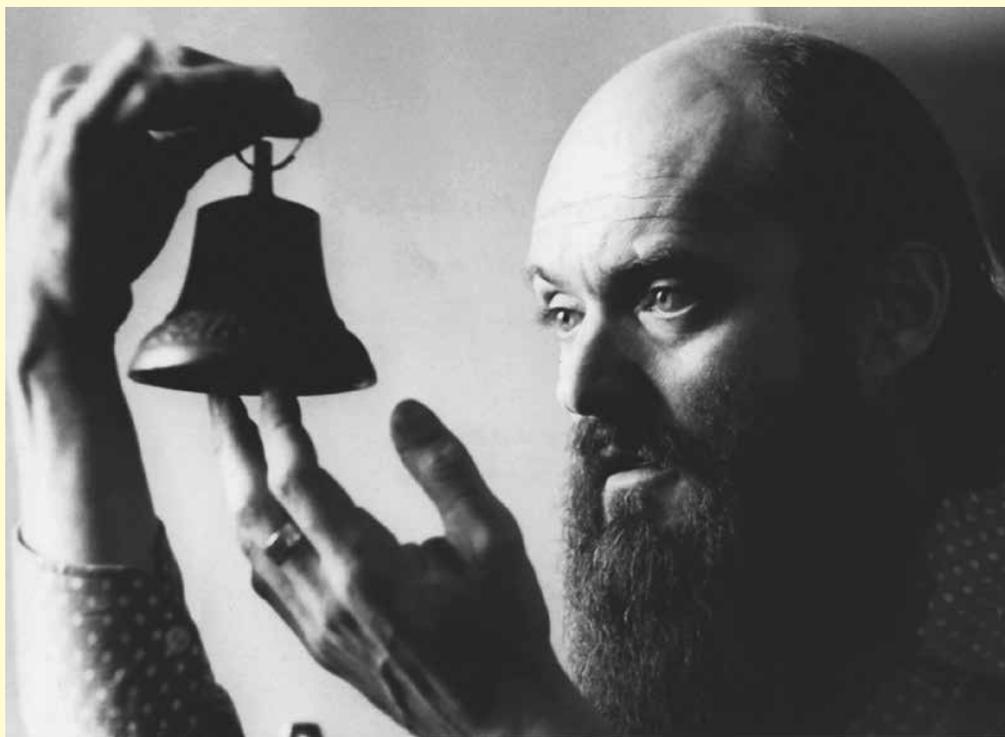
DURAÇÃO: c. 30 min.

The image shows a page of a musical score for Arvo Pärt's 'Te Deum'. At the top, it is titled 'Alfred Schite gewidmet' and 'Te Deum für drei Chöre, Klavier, Streichorchester und Tonband (1984/1985, rev. 2007)'. The composer's name 'Arvo Pärt' and birth year '(1935)' are in the top right. The score is divided into three choirs (Chor I, Chor II, Chor III) and a piano part. The vocal parts are for Soprano, Alto, Tenor, and Bass. The piano part includes dynamics like *pppp*, *mf*, and *pp*. The score includes tempo markings like '20" ca.' and '♩ = 92'. The lyrics 'Te De - um' are visible in the vocal parts. The score is published by Universal Edition, as indicated by the vertical text on the right edge.

Arvo Pärt compôs um *Te Deum* pelas “verdades imutáveis” do texto atribuído a Santo Ambrósio e Santo Agostinho que o lembram da “imensurável serenidade transmitida pelo cenário de uma montanha”. A música do compositor estoniano flui em grande parte da sua fé em Deus. O texto do *Te Deum* tem um papel particularmente importante na religião cristã, sobretudo na Igreja Ortodoxa de Leste, à qual Arvo Pärt se converteu, tornando-se numa grande influência no seu processo criativo.

Arvo Pärt é reconhecido como um dos compositores de vanguarda dos séculos XX e XXI e as suas obras têm sido bem recebidas por intérpretes e público, embora não unanimemente pela crítica. Ingressou no conservatório de Tallinn, a sua terra natal, em 1953, mas a sua formação foi interrompida pelo serviço militar entre 1954-56, onde por ser músico, foi escolhido para tocar na orquestra do regimento, o que tornou esses anos mais suportáveis. De regresso ao conservatório, estudou composição com Heino Eller, conhecido

por preservar a individualidade de cada aluno, numa época em que não eram bem vistos os que se interessavam pelas técnicas ocidentais. Após um período de exploração das vanguardas dos anos 60, em que utilizou técnicas seriais, que lhe mereceram algum respeito no ocidente mas uma ostracização pelas autoridades soviéticas da Estónia comunista, remeteu-se ao silêncio. Depois da estreia de *Credo* (1968), uma obra de extremos musicais que lhe valeu algumas retaliações e onde chegou a um impasse criativo, Pärt obrigou-se a um exílio composicional onde se dedicou ao estudo do canto gregoriano e da polifonia francesa e franco-flamenga dos séculos XIV a XVII, desde Machaut a Josquin des Prés e Ockeghem. Regressou em meados dos anos 70 com uma técnica muito própria denominada *tintinnabuli*, numa referência ao som produzido pelo tocar dos sinos. Uma das mais importantes influências neste ponto de viragem foi a descoberta do canto gregoriano, que descreve como “um mundo sem harmonia, sem métrica, sem timbre, sem instrumentação, sem nada”.



Pärt caracterizou a sua nova linguagem como “um voo em direcção a uma pobreza involuntária”. O resultado é uma harmonia neotonal, baseada na tríade, onde as vozes se movem dentro e fora da dissonância e que cria no ouvinte uma sensação de tranquilidade, quase hipnose. Nesta nova fase preferiu os textos cristãos, bem como os grupos vocais em detrimento da orquestra. Sobre o *Te Deum*, Arvo Pärt diz que procurou um ambiente “que pudesse ser infinito no tempo, removendo delicadamente uma peça – uma partícula de tempo – do fluxo da infinidade. Eu tinha que desenhar esta música gentilmente a partir do silêncio e do vazio”.

A obra é para três coros (feminino, masculino e misto) piano preparado e de preferência amplificado, orquestra de cordas e harpa de vento, cujo som foi previamente gravado em fita magnética e processado acusticamente.

Tem 29 secções, correspondentes ao número de versos do texto e assenta numa alternância entre melodias ao estilo gregoriano a uma ou duas vozes, polifonia coral e interlúdios instrumentais. Os contornos melódicos estão estritamente ligados aos ritmos do texto também por influência da liturgia da igreja ortodoxa russa que valoriza o discurso falado e a expressão verbal. A harpa de vento é semelhante à harpa eólica da Grécia Antiga, cujas cordas vibravam devido à passagem do vento. Tem uma função idêntica à de um *ison* do canto bizantino, uma nota pedal (neste caso uma alternância entre Ré e Lá) que não muda de afinação, que confere unidade à obra que e representa uma força espiritual omnipresente. Sendo que a “música vem do silêncio, ao qual, mais tarde ou mais cedo deve regressar”, o silêncio é um elemento integrante e essencial da partitura.

NOTAS DE SUSANA DUARTE

Te Deum

Te Deum laudamus: te Dominum confitemur.	Louvamos-te, ó Deus: e confessamos-te, Senhor.
Te aeternum Patrem omnis terra veneratur.	Toda a terra te venera, Pai eterno.
Tibi omnes Angeli, tibi caeli, et universae potestates:	Louvem-te todos os Anjos, os céus e todas as potestades:
Tibi Cherubim et Seraphim incessabili voce proclamant:	Querubins e Serafins aclamam-te sem cessar:
Sanctus, sanctus, sanctus Dominus Deus Sabaoth.	Santo, santo, santo é o Senhor, Deus dos exércitos.
Pleni sunt caeli et terra majestatis gloriae tuae.	O céu e a terra estão cheios da majestade da tua glória.
Te gloriosus apostolorum chorus.	Louva-te o glorioso coro dos apóstolos.
Te prophetarum laudabilis numerus.	Louva-te a falange imensa dos profetas.
Te martyrum candidatus laudat exercitus.	Louva-te a legião dos candidatos a mártires.
Te per orbem terrarum sancta confitetur Ecclesia.	Por toda terra te celebra a santa Igreja.
Patrem immensae majestatis.	Pai de imensa majestade.
Venerandum tuum verum et unicum Filium.	E venera o teu verdadeiro e único Filho.
Sanctum quoque Paraclitum Spiritum.	E também o Espírito Santo Paráclito.
Tu Rex gloriae, Christe.	Tu és o Rei da glória, ó Cristo.
Tu Patris sempiternus es Filius.	Tu és o Filho do Pai eterno.
Tu, ad liberandum suscepturus hominem, non horruisti Virginis uterum.	Tu que, para remissão dos homens, não recusaste o ventre da Virgem.
Tu, devicto mortis aculeo, aperuisti credentibus regna caelorum.	Tu que, após vencido o laço da morte, aos fiéis abriste o reino dos céus.

Tu ad dexteram Dei sedes, in gloria Patris.

Judex crederis esse venturus.

Te ergo quaesumus, tuis famulis subveni,
quos pretioso sanguine redemisti.

Aeterna fac cum Sanctis tuis in gloria numerari.

Salvum fac populum tuum, Domine, et benedic
hereditati tuae.

Et rege eos, et extolle illos usque in aeternum.

Per singulos dies benedicimus te.

Et laudamus nomen tuum in saeculum, et in
saeculum saeculi.

Dignare, Domine, die isto sine peccato nos
custodire.

Miserere nostri, Domine, miserere nostri.

Fiat misericordia tua, Domine, super nos,
quemadmodum speravimus in te.

In te, Domine, speravi: non confundar in
aeternum.

Amen.

Tu que estás à direita de Deus, na glória do Pai,

Acreditamos que virás como juiz.

Por isso te pedimos: vem em socorro do teu
povo, que redimiste com o precioso sangue.

Faz com que os teus Santos mereçam a glória
eterna.

Salva o teu povo, Senhor, e abençoa a tua
herança.

E guia-os e engrandece-os para sempre.

Bendizemos-te dia após dia.

E louvamos o teu nome por séculos, e pelos
séculos dos séculos.

Naquele dia, Senhor, digna-te guardar-nos sem
pecado.

Tem piedade de nós, Senhor, tem piedade de nós.

Venha sobre nós a tua misericórdia, Senhor,
uma vez que esperámos em ti.

Esperi em ti, Senhor: que jamais venha a ser
confundido.

Ámen

Jorge Matta

Maestro



JORGE MATTA © HUGO GLENDINNING

Jorge Matta é o Maestro Adjunto do Coro Gulbenkian. É doutorado em Musicologia Histórica pela Universidade Nova de Lisboa, onde ensina no Departamento de Ciências Musicais. Investigador, editor e intérprete, tem-se destacado pela recuperação e divulgação do património musical português. Concretizou a primeira audição moderna de mais de 300 obras vocais e instrumentais de compositores portugueses e dirigiu, em estreia absoluta, obras de Constança Capdeville, Jorge Peixinho, Fernando Lopes Graça, Filipe Pires, Miguel Azguime e Eurico Carrapatoso. A sua já longa discografia, a maior parte com o Coro Gulbenkian, é dedicada também à música portuguesa, desde a polifonia seiscentista até aos compositores dos nossos

dias. O CD “Música Portuguesa do Séc. XVIII” foi distinguido com o prémio Discobole da Academia Francesa do Disco. Como autor e intérprete, gravou para a televisão as séries de programas “Música de Corte no Palácio da Ajuda” (1986), “Tempos da Música” (1988) e “Percurso da Música Portuguesa” (2008). Participou em importantes festivais de música em Portugal e no estrangeiro (Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Israel, China e Estados Unidos da América) e dirigiu as mais importantes orquestras em Portugal, para além de outros agrupamentos na Bélgica, na Alemanha e nos Estados Unidos da América. Foi Diretor do Teatro Nacional de São Carlos e Presidente da Comissão de Acompanhamento das Orquestras Regionais.

Eduarda Melo

Soprano

EDUARDA MELO © SUSANA NEVES

Carolina Figueiredo

Meio-Soprano

CAROLINA FIGUEIREDO © SUSANA NEVES

Galardoada com o 2.º prémio no Concurso Internacional de Canto de Toulouse, Eduarda Melo tem consolidado a sua carreira entre França e Portugal. Licenciou-se em Canto pela ESMAE, no Porto. Passou pelo Estúdio de Ópera da Casa da Música antes de iniciar uma carreira internacional no elenco do prestigiado CNIPAL, em Marselha. Desde então, tem vindo a interpretar um diversificado repertório de ópera que inclui, entre outros papéis: Rosina (*O barbeiro de Sevilha*) e Frasquita (*Carmen*), em Lille, Limoges, Caen, Reims e Dijon; Elvira (*L'italiana in Algeri*) e Stéphanos (*Romeo et Juliette*) na Ópera de Marselha; Norina (*Don Pasquale*), Despina (*Così fan tutte*) e Corinna (*Il viaggio a Reims*) no Teatro de São Carlos; Musetta (*La bohème*) e Maria Luisa (*La belle de Cadix* de F. Lopez) no Festival de Saint-Céré; Vespina (*L'infedeltà delusa* de Haydn) na Ópera de Monte Carlo; Zemina (*Die Feen* de Wagner) no Théâtre du Châtelet. No domínio da música contemporânea, participou na estreia da ópera *A Little Madness in the Spring* de A. Pinho Vargas, em *Paint Me* de Luís Tinoco e nas obras *A Montanha*, *Rapaz de Bronze* e *Livro de Florbela* de Nuno Côrte-Real. Colaborou com maestros como Jean-Claude Casadesus, M. Minkowski, A. Allemandi, M. André, L. Cummings, ou S. Ausbury, tendo interpretado em concerto o *Requiem* de Mozart, o *Stabat Mater* de Poulenc, o *Requiem* de Brahms, *La Giuditta* e *L'Yppolito* de F. A. de Almeida, e *O King* de Berio. Colabora regularmente com os grupos Ludovice Ensemble e Divino Sospiro.

Carolina Figueiredo formou-se em Canto na Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa, na classe de Filomena Amaro. Trabalha regularmente com Manuela de Sá. No domínio da ópera, integrou os elencos de *Madama Butterfly* (Kate Pinkerton) de Puccini, *Ester* (Assuero) de L. Moreira, *El Gato Montés* (Loliya e Pastorcillo) de Penella, *Il Viaggio a Reims* (Modestina) de Rossini, *Lindane e Dalmiro* (Baronesa) de Cordeiro da Silva, *Bastien und Bastienne* (Bastien) de Mozart, *L'Orfeo* (Ninfa) de Monteverdi, *Turandot* (Vorsangerinnen) de Busoni, *Peer Gynt* (3.ª Pastora) de Grieg, e *Fausto* (Marthe) de Gounod. Em concerto interpretou, entre outras obras: *Manfred* de R. Schumann; *Les Béatitudes* de Franck; *Sonho de uma noite de verão* de Mendelssohn; *Paixão segundo São João* de J. S. Bach; *Te Deum* de Charpentier; *Messias* de Händel; *Magnificat* de Vivaldi; e a Missa em Dó maior de Beethoven. Participou também em estreias modernas e gravações de obras de compositores portugueses: *Te Deum* de J. F. de Lima; *Missa em Fá* de F. A. de Almeida; *Te Deum* de Sousa Carvalho; *Missa em Fa* de Santos Pinto; *Missa 1842* de J. D. Bomtempo; *Responsórios de Quinta-Feira Santa* e *Missa Ferial* de Fernando de Almeida; *Responsórios de Sexta-Feira Santa* de Fr. José Marques e Silva. Colabora regularmente com a Fundação Gulbenkian e com as principais orquestras e coros portugueses. Apresenta-se também com regularidade em recital, acompanhada ao piano por João Paulo Santos, José Manuel Brandão e João Vasco, ou ao órgão por João Vaz e Sérgio Silva.

Marco Alves dos Santos

Tenor

MARCO ALVES DOS SANTOS © DR

Tiago Matos

Barítono

TIAGO MATOS © DR

Marco Alves dos Santos nasceu em Lisboa. Como bolsheiro da Fundação Gulbenkian, licenciou-se em canto pela Guildhall School of Music and Drama, em Londres. Iniciou a sua carreira como solista no Jeunes Voix du Rhin, o centro de formação lírica da Opéra National du Rhin, em França. Posteriormente interpretou, entre outros papéis: Tristan (*Le Vin herbé* de F. Martin); Leandro (*La Spinalba* de F. A. de Almeida) na Casa da Música; *Orphée* (*La descente d'Orphée aux enfers* de Charpentier) nos Festivais de Vigo e Óbidos; *Evil Machines*, de T. Jones e L. Tinoco, no Teatro São Luiz. Apresentou-se também como solista em concertos e recitais em Portugal, França, Itália e Reino Unido. Colabora regularmente com as principais orquestras portuguesas, o Remix Ensemble e os Divino Sospiro. Em 2009 estreou-se no papel de Duque de Mântua (*Rigoletto*) no Festival de Óbidos e integrou o elenco do programa de Jovens Interpretes do Teatro Nacional de São Carlos. Em 2011/2012, entre outros: interpretou: Ferrando (*Così fan tutte*) com o Ensemble Contemporaneus; Monostatos (*A flauta mágica*) e Remendado (*Carmen*) no *Seefestspiele Berlin*. Em 2013 foi Gastone (*La traviata*), Borsa (*Rigoletto*), Kornélis (*La princesse jaune* de Saint-Saëns) e Pierre (*The Wandering Scholar* de Holst). Em 2014 destacam-se os papéis de Ferrando e Nearco (*Poliuto* de Donizetti), tendo ainda participado na Homenagem a Eliabete Matos no Teatro de São Carlos. Em 2015 interpretou l'Oddio (*Armida* de Myslivecek), Malcolm (*Macbeth*), Yamadori (*Madama Butterfly*) e o Evangelista da *Oratória de Natal* de Bach.

Tiago Matos licenciou-se em Canto pela Universidade de Aveiro, sob a orientação de Isabel Alcobia. Frequentou os programas *VOICE Experience Foundation*, nos E.U.A., bem como a *Résidence Mozart* do Festival d'Aix-en-Provence e a Académie Internationale de Musique Française Michel Plasson, onde teve a oportunidade de trabalhar com Sherrill Milnes, Chris Cano, Sophie Koch, Ann Murray e José Van Dam. Estuda atualmente com M. Wegwart. Venceu o 6.º Concurso de Canto da Fundação Rotária Portuguesa e foi 2.º classificado na edição de 2012 do Prémio Jovens Músicos. Entre 2012 e 2014, integrou o *Atelier Lyrique* da Ópera Nacional de Paris. Interpretou o protagonista em *Don Giovanni*, além de Junius (*The Rape of Lucretia*), Bonafede (*Il mondo della luna*) e Enrico (*L'isola disabitata*). Outros destaques no domínio da ópera incluem: Fiorello (*O barbeiro de Sevilha*) e Conde de Ceprano (*Rigoletto*) na Ópera Nacional de Paris; Janino (*O Basculho de Chaminé* de M. Portugal) no Teatro Nacional de São Carlos; e *Les Caprices de Marianne*, de H. Sauget, em Reims, Metz, Massy, Avignon, Marselha, Vichy, Rouen, Toulouse e Bordéus. Colaborou com o agrupamento barroco Les Folies Françaises num ciclo de concertos dedicados a J. P. Rameau e na gravação de um CD. Cantou também no Palais Garnier e deu recitais no Amphitéâtre Bastille e no Auditorium du Louvre. Em concerto, interpretou a 9.ª Sinfonia de Beethoven, o *Messias* de Händel, a *Messa di Gloria* de Puccini, o *Requiem* de Fauré, *Passio Domini Nostri* de A. Pärt e *Lieder eines fahrenden Gesellen* de Mahler.

Coro Gulbenkian



CORO GULBENKIAN © FERNÃO FERREIRA

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores, atuando igualmente em grupos vocais mais reduzidos. Assim, apresenta-se tanto como grupo a cappella, interpretando a polifonia dos séculos XVI e XVII, como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos, para a interpretação de obras coral-sinfónicas do repertório clássico, romântico ou contemporâneo. Na música do século XX tem interpretado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros. Tem sido igualmente convidado para colaborar com as mais prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Paris, a Orquestra Juvenil Gustav Mahler, ou a Orquestra Sinfónica Simón Bolívar. Foi dirigido por grandes figuras como Claudio Abbado, Colin Davis, Frans Brüggen, Franz Welsch-Möst, Gerd Albrecht, Gustavo Dudamel, Jonathan Nott, Michael Gielen, Michael Tilson

Thomas, Rafael Frübeck de Burgos, René Jacobs ou Theodor Guschlbauer. O Coro Gulbenkian tem participado em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival e Festival Internacional de Música de Macau. Em anos recentes, apresentou-se no Festival d'Aix-en-Provence, numa produção da ópera *Elektra*, de Richard Strauss, com a Orquestra de Paris, dirigida por Esa-Pekka Salonen, que teve a assinatura do encenador Patrice Chéreau. Em 2015 participou, em Paris, no concerto comemorativo do Centenário do Genocídio Arménio, com a World Armenian Orchestra dirigida por Alain Altinoglu. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNACMusic e AriaMusic, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prémios internacionais. Desde 1969, Michel Corboz é o Maestro Titular do Coro, sendo as funções de Maestro Adjunto e de Maestro Assistente desempenhadas por Jorge Matta e Paulo Lourenço, respetivamente.

Coro Gulbenkian

Michel Corboz Maestro Titular

Jorge Matta Maestro Adjunto

Paulo Lourenço Maestro Assistente

SOPRANOS

Ana Bela Covão

Ariana Russo

Filipa Passos

Inês Lopes

Joana Siqueira

Maria José Conceição

Mariana Moldão

Marisa Figueira

Mónica Santos

Rosa Caldeira

Rute Dutra

Sara Afonso

Tânia Viegas

Verónica Silva

TENORES

Aníbal Coutinho

Diogo Pombo

Frederico Projecto

Jaime Bacharel

João Afonso

João Branco

João Custódio

Miguel Silva

Nuno Fonseca

Pedro Miguel

Pedro Rodrigues

Sérgio Fontão

BAIXOS

Fernando Gomes

João Luís Ferreira

José Bruto da Costa

Luís Pereira

Manuel Rebelo

Nuno Rodrigues

Pedro Casanova

Pedro Morgado

Ricardo Martins

Rui Borrás

Sérgio Silva

Tiago Batista

CONTRALTOS

Catarina Saraiva

Fátima Nunes

Joana Esteves

Joana Nascimento

Liliana Silva

Manon Marques

Maria Forjaz Serra

Marta Queirós

Michelle Rollin

Patrícia Mendes

Raquel Rodrigues

Rita Tavares

COORDENAÇÃO

Mariana Portas

PRODUÇÃO

Fátima Pinho

Luís Salgueiro

Joaquina Santos

Orquestra Gulbenkian



ORQUESTRA GULBENKIAN © GULBENKIAN MÚSICA - MÁRCIA LESSA

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Na temporada 2012-2013, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) celebrou 50 anos de atividade, período ao longo do qual foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências dos programas executados. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian a abordagem interpretativa de um amplo repertório, desde o Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora

interior. Em cada temporada, a orquestra realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música (maestros e solistas). Atuando igualmente em diversas localidades do país, tem cumprido desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian tem vindo a ampliar gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, Ásia, África e Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida desde muito cedo com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Susanna Mälkki é a Maestrina Convidada Principal e Joana Carneiro e Pedro Neves os Maestros Convidados. Claudio Scimone, titular entre 1979 e 1986, é Maestro Honorário, e Lawrence Foster, titular entre 2002 e 2013, foi nomeado Maestro Emérito.

Orquestra Gulbenkian

Susanna Mälkki Maestrina Convidada Principal

Joana Carneiro Maestrina Convidada

Pedro Neves Maestro Convidado

Lawrence Foster Maestro Emérito

Claudio Scimone Maestro Honorário

PRIMEIROS VIOLINOS

Bin Chao *Concertino Principal*

António José Miranda

António Veiga Lopes

Pedro Pacheco

Alla Javoronkova

David Wahnnon

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria Balbi

Maria José Laginha

Manuel Abecasis *

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes *1º Solista*

Jordi Rodriguez *1º Solista*

Cecília Branco *2º Solista*

Maria Leonor Moreira

Stephanie Abson

Jorge Teixeira

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Otto Pereira

VIOLAS

Samuel Barsegian *1º Solista*

Lu Zheng *1º Solista*

Isabel Pimentel *2º Solista*

André Cameron

Patrick Eisinger

Leonor Braga Santos

Christopher Hooley

Maia Kouznetsova

Augusta Romaskeviciute *

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian *1º Solista*

Marco Pereira *1º Solista*

Martin Henneken *2º Solista*

Levon Mouradian

Jeremy Lake

Raquel Reis

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*

Manuel Rêgo *1º Solista*

Maja Plüdemann *2º Solista*

Marine Triolet

FLAUTAS

Sophie Perrier *1º Solista*

Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*

Amália Tortajada *2º Solista*

OBOÉS

Pedro Ribeiro *1º Solista*

Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*

Alice Caplow-Sparks *2º Solista*

Corne inglês

CLARINETES

Esther Georgie *1º Solista*

Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*

José María Mosqueda *2º Solista*

Clarinete baixo

FAGOTES

Ricardo Ramos *1º Solista*

Vera Dias *1º Solista Auxiliar*

José Coronado *2º Solista*

Contrafagote

TROMPAS

Gabriele Amarù *1º Solista*

Kenneth Best *1º Solista*

Eric Murphy *2º Solista*

Darcy Edmundson-Andrade

2º Solista

TROMPETES

Stephen Mason *1º Solista*

Paulo Carmo *1º Solista Auxiliar **

David Burt *2º Solista*

Carolina Alves *2º Solista **

TROMBONES

Rui Fernandes *2º Solista*

Pedro Canhoto *2º Solista*

TUBA

Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES

Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso *2º Solista*

ÓRGÃO

António Esteireiro *1º Solista **

* instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Andrade

Inês Rosário

Francisco Tavares

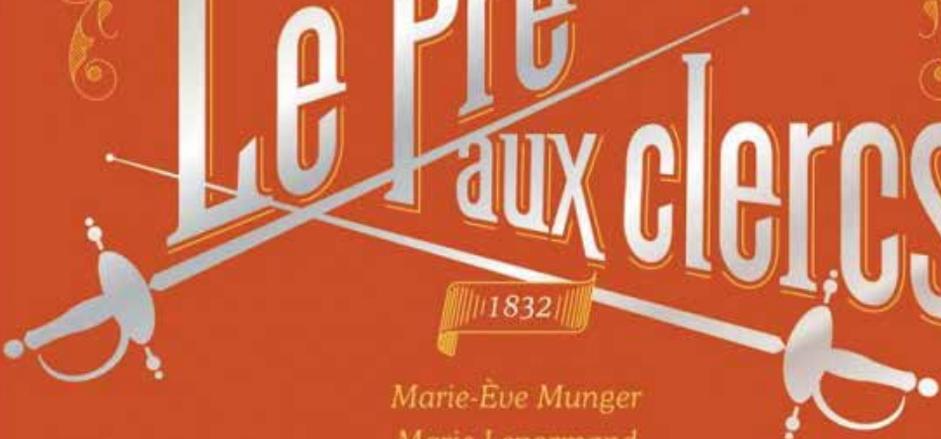
PALAZZETTO BRU ZANE

Opéra français | French opera

Louis-Ferdinand

HÉROLD

Le Pré
aux clercs



Marie-Ève Mungér

Marie Lenormand

Jeanne Crousaud

Michael Spyres

Christian Helmer

Éric Huchet

**Novo CD
Já à venda**

Coro e Orquestra Gulbenkian

Paul McCreesh



Consumo combinado de 2,1 l/100 km. Emissões de CO₂ de 49 g/km.
Escolha o óleo original BMW TwinPower Turbo.

BMW iPerformance



bmw.pt

Pelo prazer
de conduzir



DUAS FORÇAS, UM FUTURO.
NOVOS HÍBRIDOS PLUG-IN BMW iPERFORMANCE.

iPERFORMANCE

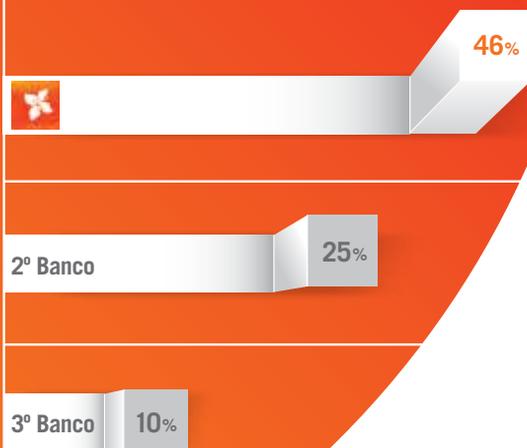
BANCO DE CONFIANÇA.



BPI é Marca de Confiança na Banca pelo 3º ano consecutivo.

O BPI foi reconhecido como a marca bancária de maior confiança em Portugal, de acordo com o estudo Marcas de Confiança que as Seleções do Reader's Digest organizam há 16 anos em 10 países. O nível de confiança do BPI subiu de 39% para 46%, registando o melhor resultado alguma vez alcançado em todo o sistema financeiro português desde o lançamento do estudo em 2001. O BPI agradece este voto de confiança e tudo fará para continuar a merecê-lo.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO
AH-HA

TIRAGEM
200 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Dezembro 2016

